

J. R. Ward

A BESTA

Um romance da Irmandade da Adaga Negra
Volume XIV

Tradução
Luís Santos

Capítulo 1



COLÉGIO FEMININO DE BROWNSWICK
CALDWELL, NOVA IORQUE

Formigas por baixo da pele.
Rhage mudava o peso de uma bota para a outra, sentindo-se como se o sangue lhe fervesse em lume brando e as bolhas resultantes lhe fizessem cócegas debaixo de cada milímetro quadrado de pele. E isso não era o pior. Um pouco por todo o corpo sentia as fibras musculares a dispararem, com os espasmos a levá-lo a esticar os dedos, a fletir os joelhos e a retesar os ombros, como se estivesse prestes a jogar uma partida de ténis ou qualquer coisa do género.

Perscrutou o prado abandonado que se lhe apresentava pela milésima vez desde que se materializara naquela posição. Não haveria dúvida de que quando o Colégio Feminino de Brunswick fora uma entidade em pleno funcionamento, o campo à frente dele seria um vasto relvado bem cuidado na primavera e no verão, limpo de folhas no outono e com um belo manto de neve no inverno, estilo livro infantil. Agora, parecia um campo de futebol saído do inferno, repleto de arbustos retorcidos capazes de provocar mais do que danos estéticos às partes baixas de um homem, rebentos que eram os enteados feios dos carvalhos e áceres mais maduros, e erva acastanhada,

alta e comprida, que nos pregaria rasteiras à traição caso corrésemos.

Também os edifícios de tijolo, que em tempos haviam abrigado e servido de espaço de habitação e instrução às filhas privilegiadas da elite, envelheciam mal, sem uma manutenção regular: janelas partidas, portas apodrecidas, portadas descaídas que batiam com o vento agreste, como se os fantasmas não soubessem se queriam ser vistos ou apenas ouvidos.

Era o *campus* d'O *Clube dos Poetas Mortos*. Isso, é claro, supondo que todos haviam feito as malas depois de encerradas as filmagens, em 1988, e mais ninguém mexera uma palha desde então.

Mas as instalações não estavam vazias.

Ao respirar fundo, o reflexo de vômito de Rhage deu ares da sua graça no fundo da garganta. Estavam tantos *minguantes* escondidos naqueles dormitórios e salas de aula abandonadas que não era possível isolar cheiros individuais do fedor entorpecente do todo. Que Deus lhe valesse, era como enfiar a cabeça num balde de tripas de peixe e inalar como se o mundo estivesse prestes a ficar sem oxigênio.

Isso, é claro, partindo do princípio de que essas tripas de ontem haviam sido misturadas com uma boa dose de pó talco.

Para dar um toque doce à coisa.

Ao sentir a pele a contorcer-se mais uma vez, ordenou à sua maldição que aguentasse os cavalos, que sabia que teria rédea solta assim que possível. Nem sequer iria tentar contê-la – não que levar o pé ao travão alguma vez lhe houvesse servido de grande coisa –, e embora nem sempre fosse bom deixar a besta trabalhar a seu bel-prazer, naquela noite seria uma vantagem ofensiva. A Irmandade da Adaga Negra estaria a braços com quantos *minguantes*? Cinquenta? Centena e meia?

Eram demasiados, até mesmo para eles – portanto, sim, o seu pequeno... presente... da Virgem Escrivã viria mesmo a calhar.

Bem podia considerar ser uma carta na manga. Há mais de um século, a mãe da raça concedera-lhe um sistema de controlo pessoal, um programa de alteração de comportamento tão oneroso,

tão desagradável, tão avassalador que o impedira de ultrapassar os limites da arrogância e do pedantismo. Graças ao dragão, a menos que conseguisse gerir adequadamente os níveis de energia e comedir as emoções, os portões do inferno escancaravam-se.

Literalmente.

Pois é, durante o último século conseguira certificar-se de que a coisa não lhe comia os entes queridos, nem lhe dava tempo de antena no noticiário da noite, com um cabeçalho do género «*Parque Jurássico Ganha Vida*». Mas, com aquilo que o esperava e aos irmãos... e como o *campus* era de tal modo isolado...? Com sorte, o desgraçado de escamas roxas, com dentes de serra elétrica e mau feitio ia poder tirar a barriga de miséria. Claro que o objetivo era uma dieta exclusiva de *minguantes*.

Nada de irmãos como crepes de entrada, se faz favor. E nenhum humano à sobremesa, muito obrigado.

Claro que, evitar que estes últimos servissem de acepipes, era mais uma questão de discipção do que de amor pela raça. As mal-fadadas ratazanas sem cauda nunca iam a lado nenhum sem duas coisas: meia dúzia de palhaços seus inferiores evolutivos e a porra dos telemóveis. Meu, o YouTube era uma merda para quem queria esconder a guerra travada com os não-mortos. Durante quase dois mil anos, o conflito entre vampiros e a Sociedade dos Minguantes do Ómega não dissera respeito a mais ninguém além dos envolvidos; o facto de os seres humanos serem incapazes de não meter o nariz no que não lhes dizia respeito, limitando-se à destruição do ambiente e a sugerirem uns aos outros o que dizer e o que pensar, era um dos motivos que o levava a odiá-los.

Raios partissem a Internet.

Rhage acalmou-se, para não libertar a besta antes de tempo, e concentrou-se num macho que se abrigava a cerca de seis metros dele. Assail, filho Sabe-se-Lá-De-Quem, envergava roupas de um preto fúnebre. O cabelo preto como o Drácula não precisava de camuflagem e o rosto belo como o pecado estava tão retesado com a vontade de matar que era impossível não respeitar o tipo. Isso

é que era dar uma mão – e uma volta de cento e oitenta graus. O traficante cumprira a promessa feita à Irmandade de cortar os laços comerciais com a Sociedade dos Minguantes entregando a cabeça do *minguante-mor* numa caixa que deixara aos pés de Wrath.

E também divulgando a localização daquele antro que os assassinos usavam como quartel-general.

E assim ali estavam, com ervas até aos tomates, à espera que os relógios sincronizados por V marcassem 00:00.

O ataque iminente não era uma qualquer abordagem leviana ao inimigo. Depois de uma série de noites – e dias, graças a Lassiter, também conhecido como 00-parvalhão, que tratara do reconhecimento à luz do dia –, o ataque ficara devidamente coordenado, encenado e pronto a executar. Estavam presentes todos os guerreiros: Z e Phury, Butch e V, Tohr e John Matthew, Quinn e Blay, a par de Assail e os seus dois primos, Presa I e II.

De qualquer forma, ninguém queria saber dos nomes, conquanto aparecessem armados e com bastantes munições.

A equipa médica da Irmandade também estava a postos na área, com Manny na unidade cirúrgica, a cerca de um quilómetro dali, e Jane e Ehlén numa das carrinhas, num raio de três quilómetros.

Rhage olhou para o relógio. Seis minutos e pouco.

Praguejou quando o olho esquerdo começou com tiques. Como seria ele capaz de se aguentar naquela posição tanto tempo?

Arreganhou as presas e expirou pelo nariz, soprando dois jatos de condensação que lembravam um touro a preparar-se para investir.

Cristo, não se lembrava da última vez que estivera assim tão tenso. E nem queria pensar no motivo. Já agora, andava a evitar essa questão do *motivo* há quanto tempo?

Bem, desde que ele e Mary se haviam deparado com aquele percalço estranho e ele começara a sentir-se...

– Rhage.

O nome foi murmurado tão baixinho que ele deu meia-volta num salto, sem saber se o subconsciente decidira começar a falar consigo. Não. Era Vishous – e pela expressão do macho, Rhage

preferiria estar a enfrentar divisão de personalidade. Os olhos diamantinos faiscavam com um brilho malicioso. E as tatuagens à volta da frente não ajudavam em nada.

A pera era neutra – a menos que fosse avaliada segundo o estilo, sendo que, nesse caso, o cabrão era uma caricatura de proporções bíblicas.

Rhage abanou a cabeça.

– Não devias estar a assumir a tua posição...?

– Eu vi esta noite.

Ah não, que porra, pensou Rhage. Nem penses que me vais fazer isso, mano.

Rhage virou-se e resmungou:

– Poupa-me a tirada à Vincent Price, ‘tá bem? Ou será que andas a praticar para substituíres o gajo que faz a locução dos *trailers* de filmes...

– Rhage.

– ... porque se for isso, tens futuro. «Num mundo... onde as pessoas... têm de calar a boca e fazer o que devem...»

– *Rhage.*

Rhage não se virou, por isso V contornou-o e fitou-o, com a porra dos olhos claros a parecerem um par de explosões nucleares, com nuvens em forma de cogumelo, a saírem-lhes pelas narinas.

– Quero que vás para casa. *Já.*

Rhage abriu a boca. Fechou-a. Voltou a abri-la – e teve de se obrigar a falar baixo.

– Olha, não é a melhor altura para vires com essas merdas psíquicas...

O Irmão agarrou-lhe o braço e apertou-o com força.

– *Vai para casa.* Não estou a brincar.

Um fluxo de terror gelado percorreu as veias de Rhage, eliminando-lhe o calor do corpo – mas ele voltou a abanar a cabeça.

– Desaparece daqui, Vishous. *A sério.*

Não estava de todo interessado em testar mais magia da Virgem Escrivã. Não queria...

– *Vais morrer esta noite, porra.*

Rhage sentiu o coração a parar enquanto fitava o rosto que conhecia há tantos anos, olhando para as tatuagens, os lábios cerrados, as sobrancelhas negras... e apreendendo a inteligência que normalmente se deixava entrever através de um filtro de sarcasmo aguçado.

– A tua mãe deu-me a palavra dela – disse Rhage. Espera lá, ele estava mesmo a dizer que ia bater a bota? – Ela prometeu que quando eu morresse, a Mary podia ir comigo para o Vápido. A tua mãe disse...

– *Que se foda a minha mãe. Vai para casa.*

Rhage viu-se obrigado a desviar o olhar. Era isso, ou a cabeça rebentava-lhe.

– Não vou deixar os Irmãos. Nem penses nisso. E se por acaso estiveres enganado?

Pois, e quando fora a última vez que tal acontecera? No século XIX? No século XVIII? Nunca?

Não deixou V falar.

– E também não vou fugir do Vápido com o rabo entre as pernas. Se começar a pensar assim, nunca mais sou capaz de empunhar uma arma. – Tapou a pera de V, para que o Irmão deixasse de o interromper. – E sabes que mais? Se eu não combater hoje, não vou conseguir ficar o dia inteiro trancado na mansão... sem que o meu amiguinho roxo apareça para tomar o pequeno-almoço, para almoçar e para jantar, ‘tás a perceber?

Bem, ainda havia um quarto. E a quarta justificação... era má, tão má que nem era capaz de pensar nela mais do que a fração de segundo de que precisou para que essa merda lhe aparecesse na mente.

– Rhage...

– Não me vai acontecer nada. Tenho isto tudo controlado...

– Não, não tens! – sibilou V.

– Pronto, está bem – cuspiu Rhage, inclinando-se para a frente.

– E se eu morrer? A tua mãe concedeu a derradeira bênção à minha

Mary. Se eu for para o Vápido, a Mary vai lá ter comigo. Nunca mais tenho de recear ficar separado dela. Vamos ficar perfeitamente bem. Quem é que quer saber se eu vou desta para melhor ou não?

V chegou-se também à frente.

– Achas que os Irmãos não querem saber? A sério? Obrigadinho, parvalhão.

Rhage olhou para o relógio. Faltavam dois minutos.

Até podiam ser dois mil anos.

– E confiaste à minha mãe uma coisa dessa magnitude – escarneceu V. – Nunca pensei que fosses tão ingénuo.

– Ela deu-me um *alter-ego* equivalente à porra de um tiranosauuro! Para credibilidade não está mal.

De repente, nas trevas, uma série de assobios fez-se ouvir à volta deles, em uníssono. Para quem não o esperasse, era como se um bando de corujas a armar-se em *A Escolha Perfeita*.

Que raios, estavam ali os dois a gritar.

– Quero lá saber, V – sussurrou. – Já que és tão esperto, preocupa-te mas é com a tua vida.

O último pensamento consciente antes de o cérebro mergulhar n'*A Hora Mais Escura* e deixar de registar fosse o que fosse além da violência foi para a sua Mary.

Imaginou-a na última vez que haviam estado juntos.

Era um ritual seu antes de enfrentar o inimigo, um talismã mental que esfregava para dar sorte, e naquela noite viu-a à frente do espelho do quarto deles, o que estava sobre o camiseiro alto onde guardavam os relógios e as chaves, as joias dela e os chupa-chupas dele, os telefones de ambos.

Estava em bicos de pés, debruçada sobre o tampo do móvel, a tentar pôr um brinco de pérola e a não acertar no buraco no lóbulo da orelha. Com a cabeça inclinada para o lado, o cabelo castanho-escuro caía-lhe sobre o ombro e deixava-o com vontade de mergulhar o rosto naquelas ondas acabadas de lavar. E isso era o que menos o impressionava. As linhas do maxilar dela capturavam a luz do candeeiro de cristal na parede, a blusa de seda creme tombava-lhe

sobre os seios e ia prender-se na cintura justa, e as calças chegavam-lhe às sabrinhas. Não tinha maquilhagem. Não tinha perfume.

Claro que isso seria o mesmo que tentar retocar a *Mona Lisa*, ou passar uma roseira com algumas borrifadelas de Febreze.

Havia cem mil maneiras de elencar os atributos físicos da sua parceira, mas não havia uma frase, nem sequer um livro inteiro, que se aproximasse da mais simples das descrições do que era a sua presença.

Era o relógio no pulso dele, o lombo quando estava esfomeado, e o jarro de limonada quando sentia sede. Era a sua capela e o coro, a cordilheira para a sua necessidade de viajar, a biblioteca da sua curiosidade, e cada alvorada e ocaso que alguma vez existira ou viria a existir. Com um mero olhar, ou a mais breve das sílabas, ela tinha o poder de lhe transformar o estado de espírito, de lhe dar asas sem nunca tirar os pés do chão. Com o mais leve dos toques acorrentava-lhe o dragão interior, ou fazia-o vir-se antes sequer de ficar duro. Era todo o poder do Universo num único ser vivo, o milagre que lhe fora concedido, mesmo que há muito seja merecedor apenas da maldição que o atormentava.

Mary Madonna Luce era a virgem que Vishous dissera estar a vir por ele – e fora mais do que suficiente para o transformar num vampiro temente a Deus.

Por falar nisso...

Rhage investiu sem esperar pelo sinal da equipa. A correr pelo campo, empunhava as armas à sua frente e sentia o combustível com um milhão de octanas a alimentar-lhe os músculos das pernas. E não, não precisava de ouvir as imprecações concretas que foram libertadas por se ter revelado e dado início ao ataque demasiado cedo.

Estava habituado a que os rapazes ficassem irritados com ele.

E os seus demónios interiores eram bem mais duros do que os irmãos.

CASA SEGURA, GABINETE DE MARY

Mary Madonna Luce desligou o telefone e deixou ficar a mão no auscultador macio. À semelhança de grande parte do equipamento e do mobiliário na Casa Segura, aquele aparelho tinha uma década, sendo um antigo AT&T usado que antes pertencera a uma companhia de seguros, ou talvez a um agente imobiliário que houvesse subido na vida. O mesmo em relação à secretária. À cadeira dela. Até ao tapete que tinha debaixo dos pés. Na única casa e abrigo para vítimas de violência doméstica da raça vampira e suas crias, cada cêntimo oferecido pelos cofres generosos do Rei era gasto nas pessoas que recebiam apoio, tratamento e reabilitação.

As vítimas eram recebidas sem custos e ficavam na casa durante o tempo que precisassem.

A maior despesa era tida com os funcionários, é claro... e tendo em conta as notícias que acabara de receber através daquele velho aparelho, não havia dúvida de que Mary estava grata pelas prioridades de Marissa.

– Vai à merda, morte – murmurou. – Vai para a puta que te pariu.

O gemido que a cadeira soltou quando ela se recostou fê-la franzir o cenho, mesmo já estando habituada ao queixume.

Olhou para o teto com uma vontade imensa de agir, mas a primeira regra de uma terapeuta era controlar as emoções. Estar tensa e agitada não ajudava as pacientes, e contaminar uma situação já por si stressante com dramas pessoais por parte do profissional de saúde era absolutamente inaceitável.

Se houvesse tempo, procuraria uma das outras assistentes sociais para ser informada e para se recompor. No entanto, tendo em conta o que se passava, só podia conceder um minuto ao respirar fundo tão típico de Rhage.

Não, não era a respiração ofegante de cariz sexual.

Era mais a variedade ióguica, em que ele enchia os pulmões com três inspirações separadas, sustinha o oxigénio e depois libertava-o, a par da tensão dos músculos.

Ou, pelo menos, tentava libertar a tensão.

Certo, aquilo não a estava a levar a lado algum.

Mary levantou-se e teve de se contentar com dois retoques no departamento da compostura: primeiro arranjou a blusa de seda e passou com os dedos pelo cabelo, que estava a deixar crescer; depois impôs uma máscara às feições, imobilizando-as numa aparência de preocupação, compassividade, e nada de pânico em relação aos seus traumas pessoais passados.

Quando entrou no átrio do primeiro andar, o cheiro a chocolate e a açúcar derretidos, a manteiga e a farinha anunciou que a noite das bolachas de chocolate estava a decorrer a todo o vapor – e, por um instante de loucura, teve vontade de abrir janelas e deixar que o ar frio de outubro levasse os cheiros do interior da casa.

O contraste entre aquele conforto caseiro e a bomba que estava prestes a largar parecia, na melhor das hipóteses, uma falta de respeito, e, na pior, mais uma acha para a fogueira da tragédia.

As instalações da Casa Segura haviam começado com quatro paredes, um telhado e dois andares do início do século XX, detentoras da distinção e da graciosidade de uma caixa de pão. Mas dispunha de quartos e várias casas de banho, uma cozinha grande e privacidade quanto bastasse para que o mundo humano não se apercebesse de que o local estava a ser usado por vampiros. Teve então lugar a expansão. Quando a Wellsie de Tohr morrera e ele fizera uma dádiva em nome dela às instalações, o Anexo Wellesandra fora construído nas traseiras por artesãos vampiros. Dispunham agora de uma sala comunitária, de uma segunda cozinha grande o suficiente para albergar todos durante as refeições, e mais quatro suítes para fêmeas com as suas crias.

Marissa geria as instalações com um coração compassivo e uma mente profundamente dada a questões logísticas, e graças aos sete conselheiros, onde Mary se incluía, levavam a cabo um trabalho necessário e humanitário.

Trabalho que, verdade fosse dita, por vezes lhes partia o coração.

A porta do sótão não fez qualquer ruído quando Mary a abriu, pois ela própria oleara as dobradiças algumas noites antes.

Os degraus, por outro lado, gemeram durante toda a subida, com as velhas tábuas a estalar e a chiar, mesmo certificando-se de que não assentava as sabrinas com demasiada força.

Era impossível não se sentir como uma espécie de Cruel Ceifeira.

No patamar acima, a luz amarela dos velhos candeeiros de latão no teto destacava os tons avermelhados tanto dos lambris em madeira crua já com um século como da passadeira que descia até ao átrio estreito. Ao fundo ficava uma janela oval, com a iluminação da luz de segurança no exterior a entrar e a ser dividida em quadrantes pelas divisórias das vidraças.

Nas seis suítes, cinco das portas estavam abertas.

Dirigiu-se à que se encontrava fechada e bateu. Quando ouviu um – Sim? – baixinho, Mary entreabriu a porta e espreitou.

A menina sentada numa das duas camas desembaraçava o cabelo de uma boneca com uma escova a que faltava uma série de cerdas. Tinha o longo cabelo castanho apanhado num rabo-de-cavalo, e o vestido largo fora feito à mão com um tecido azul já puído, mas com costuras resistentes. Os sapatos estavam coçados, mas com os atacadores bem atados.

Parecia extremamente pequena naquele espaço que não era muito grande.

Abandonada, mas não por opção.

– Bitty? – disse Mary.

Os olhos castanho-claros precisaram de um momento para se erguerem.

– Ela não está bem, pois não?

Mary engoliu em seco.

– Não, minha querida. A tua *mahmen* não está bem.

– É altura de me despedir dela?

Passado um instante, Mary murmurou:

– Sim. Receio que sim.

